

## Moda e aparência feminina no jornal *Folha do Norte* durante os anos dourados<sup>1</sup>

---

Tatiane de Santana Souza<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar os textos veiculados na seção "No mundo da moda", além de notas relacionadas ao cuidado com a aparência e ao vestuário encontradas no periódico feirense *Folha do Norte*, no período de 1950 a 1959. Nesse momento, Feira de Santana buscava estar afinada com a modernização que ocorria de maneira progressiva no país durante a década de 1950 e o jornal *Folha do Norte* estabeleceu e reforçou um ordenamento de lugares a serem ocupados pelas senhoras e senhoritas da cidade. Desse modo, o periódico tinha a função normatizadora, modelando e definindo os papéis femininos através das representações de um ideal de mulher feirense que se quer vestida de acordo com as tendências internacionais.

### Palavras-chave

Jornal.  
Moda.  
Comportamento feminino.

- 1 Este artigo é fruto da pesquisa em andamento sobre vestuário, aparência e distinção social na cidade de Feira de Santana-BA, a partir dos textos veiculados no jornal *Folha do Norte* e na revista *Gente Importante*, parte do meu mestrado em História, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), desenvolvida sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Regis Cavicchioli, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).
- 2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UFBA.

**N**ascemos nus e vivemos vestidos. É justamente o modo como cobrimos e descobrimos o nosso corpo que faz a diferença. A vestimenta, além de exercer funções utilitárias, é privilegiada como sistema de significação, de caráter simbólico. As roupas e os acessórios não são os únicos objetos pertencentes ao conjunto moda, mas é através destes que a moda percorre mais rapidamente seu percurso, e, conforme Bonadio, basta que um indivíduo vista uma roupa para pertencer a um determinado grupo social, identificar-se com ele e ser identificado como igual pelos seus membros, ao menos no que diz respeito à aparência.<sup>3</sup>

A indumentária pode representar diferenças sexuais, etárias e financeiras, e, nesse sentido, podemos dizer que nos vestimos pensando na forma que seremos vistos pelo outro. Embora não seja possível afirmar a influência da moda em relação às mudanças da sociedade, é possível demonstrar a importância da moda na maneira de expressão de determinada época, como na década de 1980, quando a moda marginal *punk* – oriunda dos subúrbios de Londres, onde indivíduos expressavam sua revolta contra um período de desemprego através do uso de uma indumentária minimalista composta por correntes, *piercings*, cabelos despenteados e descoloridos – passa a ser cultuada no circuito da música e da alta moda.<sup>4</sup>

Gilda de Mello e Souza nos diz que a moda

serve à estrutura social, acentuando a divisão em classe; reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e o socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo); exprime ideias e sentimentos, pois é uma linguagem que se traduz em termos artísticos.<sup>5</sup>

Segundo Barreiros, desde o fim do século XIX, as mulheres baianas se dirigiam para as lojas de artigos de moda e beleza e escolhiam os modelos e tecidos dos seus trajes, os seus adornos e objetos pessoais. Dirigir-se a um estabelecimento comercial se constitui num avanço, pois, no passado, elas realizavam as suas compras através de pedidos nos catálogos ou por solicitações aos amigos e parentes que estavam em constantes viagens.<sup>6</sup>

No Brasil, imprensa feminina e moda andam par a par. Desde o século XIX, as publicações femininas brasileiras apresentavam elementos da moda, ajudando as senhoras da corte a manterem-se informadas a respeito dos figurinos europeus.<sup>7</sup>

3 Maria Claudia Bonadio, *Moda: costurando mulher no espaço público. Estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo 1913-1929*. 2000. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000, p. 28.

4 Renata Pitombo Cidreira, *A sagração da aparência: o jornalismo de moda na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 86.

5 Gilda de Mello e Souza, *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29.

6 Márcia Maria da Silva Barreiros Leite, *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. 1997. 188 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, 1997, p.144.

7 Dulcília Schroeder Buitoni, *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo, SP: Summus, 2009, p. 12.

Após a Segunda Guerra Mundial, as mulheres passaram a aparecer na imprensa por toda parte. Segundo Susan Besse, a importância dada ao feminino nos veículos midiáticos refletia, por um lado, mudanças nos papéis das mulheres e expectativas oriundas da rápida expansão da economia urbano-industrial do decorrer do pós-guerra. Por outro lado, a obsessão com os papéis, comportamento e consciência das mulheres era reflexo de ansiedades profundas difundidas entre as elites urbanas ascendentes.<sup>8</sup>

Feira de Santana buscou estar afinada com a modernização que ocorria de maneira progressiva no país durante a década de 1950 e o jornal *Folha do Norte* estabeleceu e reforçou um ordenamento de lugares a serem ocupados pelas senhoras e senhoritas da cidade. Desse modo, o periódico tinha a função normatizadora, modelando e definindo os papéis femininos através das representações de um ideal de mulher feirense.

Ser mulher e ser homem são categorias socialmente construídas e, como nos diz Maria Lúcia Rocha-Coutinho, o ser mulher, da mesma forma que o ser homem, é o efeito de uma embaraçada rede de significações sociais.<sup>9</sup> Desse modo, o esforço desenvolvido por pesquisadores de diversas áreas do saber que escolheram a mulher como objeto de estudo demonstrou a consciência de que os processos sociais e culturais são extremamente complexos. Além disso, permitiram a utilização de novos métodos de pesquisa e, segundo Tilly, possibilitou a expansão da compreensão de fatos históricos e o desenvolvimento dos nossos conhecimentos.<sup>10</sup>

Os Estudos da Mulher possibilitaram o surgimento dos Estudos de Gênero.<sup>11</sup> O termo “gênero” foi utilizado inicialmente nos anos 1970, entre as feministas norte-americanas, para teorizar a questão da diferença sexual.<sup>12</sup> Os Estudos de Gênero possibilitam analisar como todas as instituições sociais, econômicas e políticas são influenciadas, direta ou indiretamente, pelos estereótipos acerca de homens e mulheres.

No Brasil, o uso da categoria “gênero” começou de maneira tímida quando, em 1989, a *Revista Brasileira de História* lançou, no fascículo “A mulher no espaço público”, um olhar ao objeto “mulher”. A introdução da discussão teórico-metodológica de gênero ocorreu na década de 1990 com a tradução do texto *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, da historiadora Joan Scott, que impulsionou os estudos sobre o tema em terras brasileiras. As observações de Scott permitiram problematizar as questões do feminino com outros temas, como raça, classe, etnia e sexo. A autora define o conceito de gênero de duas maneiras distintas que estão interligadas:

8 Susan Besse, *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 2-3.

9 Maria Lúcia Rocha-Coutinho. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 17.

10 Louise A. Tilly. *Gênero, História das Mulheres e História Social*. Cadernos Pagu, número 3 (1994), p. 29-62, <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51008>, acesso em: 19 de ago. de 2014.

11 Ibidem, p. 16.

12 Rita de Cássia Vianna Rosa, *As mulheres de Paraiburgo: representações de gênero em jornais de Juiz de Fora/MG (1964-1975)*. 2009. 247 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói. 2009, p. 3.

[...] (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.<sup>13</sup>

Conforme proposto por Joan Scott, o gênero é um conceito de análise para identificar as construções culturais acerca de homens e mulheres,<sup>14</sup> influenciando diretamente ideias sobre esses papéis. Ainda, segundo Scott, o gênero é uma característica primária de relações significantes de poder,<sup>15</sup> desse modo, está presente em todas as dimensões da vida social e podendo ser adotada em diversos campos do conhecimento, inclusive no campo da moda e do vestuário.

A autora ainda nos fornece aparato para analisar o papel da mídia na construção dos lugares sociais femininos, quando nos diz que a mesma é uma dimensão organizacional, pois traduz o mundo simbólico em normas e valores, mobilizando o desejo do público – nesse caso o leitor – para certos modos de pensamento, comportamento e modelos que servem para a construção ou desconstrução dos valores tradicionais e dominantes. Ela é uma instituição social que reflete os conceitos e as ideias que estão inseridas no cotidiano social, produzindo discursos que fazem parte do imaginário coletivo, permeando e invadindo as nossas vidas, na medida em que existe um transbordamento de um mundo midiático, deixando transparecer uma nova forma de percepção e interpretação da realidade.<sup>16</sup>

O progresso da História Cultural reforça o avanço na abordagem do feminino, desse modo, o campo historiográfico que estuda as práticas culturais tem contribuído de maneira significativa para a crítica das representações e das ideologias de determinada sociedade. Conforme Márcia Maria Barreiros, o campo da cultura articulou-se às investigações acerca das relações entre os gêneros na história, desde a década de 1980.<sup>17</sup>

O modelo de História Cultural proposto por Roger Chartier tem como objeto principal “identificar o modo com em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”<sup>18</sup> Para o autor, a noção de representação constitui pedra angular “que demanda classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreensão do real.”<sup>19</sup> Roger Chartier nos diz que as lutas de representação têm tanta importância quanto as lutas econômicas, para a compreensão dos mecanismos através dos quais um grupo impõe ou tenta impor concepções

13 Joan Scott, *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Revista Educação e Realidade, volume 20 (1995), p. 71-99, [https://archive.org/details/scott\\_gender](https://archive.org/details/scott_gender), acesso em: 19 de ago. de 2014.

14 Rachel Soihet, *Formas de violência, relações de gênero e feminismo*. Gênero: Revista Transdisciplinar de Estudos de Gênero. Nuteg, Niterói – EDUFF, v.2, p. 7-25, 2002.

15 Scott, *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, p. 86.

16 Idem.

17 Márcia Maria da Silva Barreiros Leite, *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia: 1870-1920*. Salvador, Ba: Quarteto, 2005, p. 27.

18 Roger Chartier, *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa, PT: Difel, 1990, p. 17.

19 Idem.

de mundo, valores ou domínio.<sup>20</sup> O vestuário é um conjunto de códigos que distingue o indivíduo dos demais e, segundo o autor, podemos analisar as práticas de reconhecimento de uma identidade social e que significam simbolicamente uma posição visível de existência de grupo ou de classe.<sup>21</sup>

As mudanças ocorridas na historiografia brasileira permitiram, nos últimos anos, um crescente interesse por uma fonte tradicional para a recuperação do passado: os jornais. No Brasil, o debate sobre a presença de jornais no trabalho do historiador ocorre num momento de mudanças na compreensão do documento e da própria concepção de História. Segundo Luca, o pioneirismo na utilização de periódicos na escrita histórica coube a Gilberto Freyre, que, através de anúncios de jornais, estudou diferentes aspectos da sociedade brasileira do século XIX num momento de mudanças na compreensão do documento e da própria concepção de História.<sup>22</sup>

A imprensa é produto de determinadas práticas sociais de uma época e se constitui em instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, dado que o jornal oferece vasto material para o estudo da vida cotidiana. Da mesma forma, podemos conhecer as representações normatizadoras construídas pelo periódico e os valores hegemônicos que podem ser incorporados ou aqueles que tornam-se parâmetros de determinada realidade.

## O jornal *Folha do Norte*

A *Folha do Norte* é o mais antigo periódico em circulação na cidade de Feira de Santana. Fundado em setembro de 1909, pelo coronel Tito Ruy Bacelar e seus irmãos João Vidal e Arnold Silva,<sup>23</sup> foi criado para servir de escudo político “[...] em prol do progresso intelectual desta grande zona sertaneja”.<sup>24</sup>

O jornal circulava na segunda-feira, dia de intensa movimentação na cidade por causa da feira livre e da feira do gado.<sup>25</sup> Os impressos da década de 1950 se apresentavam com quatro ou seis páginas em formato *berliner*.<sup>26</sup> Os textos de responsabilidade do periódico eram compostos em corpo 10 sobre entrelinha 11, sen-

20 Idem.

21 Roger Chartier, Entrevista. *ACERVO: Revista do Arquivo Nacional*. V. 8, n. 1-2 (jan./dez. 1995), p. 3-12. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995, < [http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/v8\\_n1\\_2\\_jan\\_dez\\_1996.pdf](http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/v8_n1_2_jan_dez_1996.pdf), acesso em 19 de ago. de 2014.

22 Tânia Regina de Luca, A história nos, dos e por meio dos periódicos. In: Carla Bassanezi Pinsky (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 117.

23 Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira, *Feira de Santana tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano. (1950-1960)*. 2008. 221 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2008, p. 31.

24 *Jornal Folha do Norte* – 17 de janeiro de 1909 – Edição 2, p. 1. MSC/CENEF.

25 Grazyelle Reis dos Santos, *Literatura e cultura em Feira de Santana: práticas, usos e tendências em impressos da Folha do Norte (1951-1969)*. 2008. 244 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008, p. 39.

26 Formato de jornal com páginas que normalmente medem 315 x 470 milímetros, ligeiramente maior que o formato tabloide.

do que os elementos gráficos eram dispostos por todos os espaços. A impressão ocorria em oficinas próprias, a princípio pelo sistema tipográfico<sup>27</sup> com a utilização de tipos para a composição, clichês<sup>28</sup> e xilografuras<sup>29</sup>. Foi pioneiro ao inaugurar, em 5 de maio de 1976, sua primeira publicação em *off set*, processo de impressão considerado moderno por reproduzir as ilustrações e a composição numa chapa. Trata-se de um periódico de linha editorial conservadora, que fabricava apenas a notícia local e valia-se da publicidade oficial.

Em cada exemplar, havia uma ampla variedade de informações: notícias locais, portarias policiais, artigos médicos e jurídicos, notas esportivas e fúnebres, conselhos de saúde e beleza, literatura, propagandas oficiais, além de colunas religiosas e sociais. Caracterizava-se não apenas como um veiculador de notícias, mas como órgão formador de opinião. O noticiário nacional e internacional era reproduzido de jornais da Bahia, do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e de agências de notícias como a Globe Press, Nossa Press, Press Continental, USIS, SIJ, Agência Planalto, BNS, MPIB e NA.<sup>30</sup> O precário sistema nacional de comunicações comprometia a veiculação de notícias, pois o volume de informações transmitidas ao público era modesto em relação aos fatos realmente ocorridos.

As seções e variedade recebiam destaque nas páginas do periódico. Reuniam assuntos que interessavam a determinados grupos de leitores, uma espécie de pequeno mercado de leitura. As variedades ou jornalismo diversional constituem as seções “Folha Social”, destinada à literatura feirense, rádio, cinema, humorismo, além das intituladas “Notas médicas e científicas”, “À vol d’oiseau”, “Disco Voador”, “Fatos da Semana”, “Panorama” e “Coluna Quente”, que apresentavam os problemas da cidade e serviam a vida cotidiana do leitor. O colunismo social se iniciava no interior da Bahia quando, em julho de 1955, surgia a primeira coluna social intitulada “Sociedade”, pois “[...] a sociedade moderna, porém, não pode prescindir do convívio social. Ninguém é bicho do mato”.<sup>31</sup>

Geralmente, na segunda e terceira páginas, encontravam-se as seções de assuntos para o público feminino. Ao longo da década de 1950, existiram as seções “Como cuidar do bebê”, “Conselhos de beleza”, “Especial para a mulher” e “Conselhos para o lar”, textos que ajudavam a compor as imagens de uma mulher que se quer ideal na moderna Feira de Santana dos anos dourados. Buitoni ressalta que essas seções se enquadram nas categorias de jornalismo informativo e interpretativo, por concentrarem informações geralmente curtas e sem apreciações e contem opinião de especialistas, antecedentes e consequências.<sup>32</sup> Boa parte dos textos que aí se localizam é oriunda de agências estrangeiras de notícias.

27 Processo de impressão em que as letras, sinais e símbolos fundidos em liga de chumbo entram em contato direto com o papel.

28 Reprodução de desenhos, fotografia ou texto para a impressão.

29 Antigo processo de gravação manual destinada à impressão, pelo qual o desenho é feito sobre uma placa de madeira, a mão pelo gravador.

30 Santos, *Literatura e cultura em Feira de Santana*, p. 37.

31 Jornal *Folha do Norte* - 7 de janeiro de 1956 - Edição 2.426, p. 4. MSC/CENEF.

32 Buitoni, *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. p. 22.

O periódico inaugurou um espaço dedicado somente às notícias de vestuário e decoração quando, no ano de 1954, a veiculação da seção “No mundo da moda” foi iniciada. Eram apresentadas às leitoras feirenses as novidades do mercado de moda de lugares como França e Nova Iorque. Desse modo, percebemos que a mudança do conteúdo voltado para o público feminino demonstra uma escolha de um público leitor específico para aquela seção e os textos remetem para o estilo de escrita jornalística chamado de “moda ostentatória”.<sup>33</sup> Conforme Renata Pitombo, o jornalismo de moda desempenha três funções principais: evidencia uma cultura diferente do corpo, descreve o dispositivo e os meios de um sistema de consumo essencialmente vestimentar que serve ao entretenimento e exibe um discurso social alocado sobre o escudo da moda triunfante.<sup>34</sup>

O jornal de moda ou seções dedicadas ao vestuário constitui-se uma fonte essencial para quem quer pesquisar história através da moda, como considera o historiador Alberto Malfitano:

Em uma atividade historiográfica em ansiosa busca por novos campos de estudos ainda não explorados, mas que nem sempre se revelam apropriados para desvendar aspectos significativos do passado, a história do jornalismo de moda pode ser útil para lançar luz sobre setores pouco conhecidos, ou permitir novas perspectivas de estudo. Até agora, esse campo de pesquisa foi de fato considerado pouco merecedor da atenção da maioria dos historiadores, que o subestimaram e o deixaram à margem dos seus interesses. Na realidade, há considerações categóricas a favor deste gênero de pesquisa, baseadas no fato de que os jornais de moda oferecem um espelho no qual se pode ler a evolução social e de que, surgidos há mais de duzentos anos, seu público tem aumentado constantemente ao longo das décadas.<sup>35</sup>

Os meios de comunicação agem como ferramentas de representação social, ou seja, através da análise de determinado jornal ou revista de qualquer época podemos ter uma ideia de como se comporta uma sociedade naquele período. Neles estão presentes seus costumes, sua ideologia, seus hábitos, forma de vida e costumes. Por conseguinte, é essencial compreender quais estereótipos, modas, modelos, modismos, estrangeirismos, nacionalismos, enfim, quais as ideias e características difundidas para uma mulher feirense na década de 1950.

33 Renata Pitombo Cidreira, *Jornalismo de moda: crítica, feminilidade e arte*. RECÔNCAVOS - Revista Acadêmica do Centro de Artes, Humanidades e Letras, 1, 1, (2007), p. 46-53, <http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n01/pdf/renata.pdf>, p. 52, acesso em: 19 de ago. de 2014.

34 Ibid, p. 50.

35 Alberto Malfitano, *Moda e ciências humanas*. In: Paolo Sorcinelli (org.). *Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008, p. 61.

A década de 1950 marca um tempo de mudanças no plano econômico e político do Brasil. Foi um período histórico caracterizado por grande otimismo em relação ao futuro. Para grande parte dos brasileiros, o país logo seria reconhecido como uma nação moderna, efeito de uma economia que agregava os padrões de produção e de consumo próprios dos países desenvolvidos. A opinião predominante apontava para o advento de uma nova civilização nos trópicos que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com características que singularizavam o brasileiro: cordialidade, criatividade e tolerância.<sup>37</sup>

Feira de Santana foi inserida nesse processo através da execução de projetos de melhoramentos do perímetro urbano, construção e manutenção de edifícios públicos, desenvolvimento da indústria e expansão dos volumes dos serviços comerciais decorrentes da abertura de várias rodovias que, devido à localização geográfica privilegiada, tornara a cidade o maior entroncamento rodoviário do Norte-Nordeste do país.<sup>38</sup> Tal fato colaborou para a expansão de bens de consumo e duráveis oriundos do sudeste do país e estimulou a vocação comercial da urbe. A cidade servia de passagem da mão de obra do Nordeste para trabalhar nas indústrias do Sudeste e como percurso de escoamento das mercadorias produzidas na área recém-industrializada do Sudeste para serem absorvidas pelo mercado nordestino.<sup>39</sup>

Segundo Santos, a construção de rodovias a partir da segunda década do século XX alterou todo o cenário regional visualizado para a Bahia constituindo não mais um espaço articulado em torno da sua capital - Salvador -, mas um conjunto formado de verdadeiros pedaços que passaram a compor uma nova regionalidade.<sup>40</sup> Nesse período, foram concluídas a rodovia Rio-Bahia (BR 116) e a Feira-Salvador (BR 324) considerada “uma das mais belas estradas do Brasil, à altura de honrar e elevar sobremodo a engenharia nacional”.<sup>41</sup>

Como nos diz Oliveira, a inclusão de Feira de Santana no cenário nacional implicou para a sociedade feirense, reorganizar a cidade e o seu cotidiano, alterando hábitos e construindo representações associadas a uma urbe comercial, progressista e moderna.<sup>42</sup> Existia o próprio conflito entre o novo e o velho, decorrente do desejo generalizado das elites em ascensão - intelectuais, judiciários, comerciantes,

36 Expressão usada por Carla Bassanezi, “Mulheres dos anos dourados”, in: Mary Del Priori (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 607-639. A autora associa a expressão à década de 1950, quando o Brasil viveu um período de ascensão da classe média, assistiu ao crescimento urbano e a industrialização.

37 João Manuel C. de Mello e Fernando Novais, “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna”, in: Fernando Novais e Lília Moritz Schwarcz (Orgs.), *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 560.

38 Andréa da Rocha Rodrigues, *Honra e sexualidade infanto-juvenil na cidade do Salvador, 1940-1970*. 2007. 210 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2007, p. 212.

39 Oliveira, *Feira de Santana tempos de modernidade*, p. 19.

40 Santos, *Literatura e cultura em Feira de Santana*, p. 23.

41 *Jornal Folha do Norte* - 3 de fevereiro de 1951 - Edição 2.169, p. 1. MSC/CENEF.

42 Oliveira, *Feira de Santana tempos de modernidade*, p. 20.

profissionais públicos e liberais – em inserir a cidade em todos os aspectos da modernidade – progresso material e melhoramentos urbanos – que embalava as outras cidades brasileiras.<sup>43</sup>

Cristiana Barbosa de Oliveira nos diz que, desde o princípio do século XX, a urbe feirense passou por sucessivas transformações baseadas num processo de disciplina e normatização social determinadas pelas elites sociais, que controlava a população e excluía as camadas populares do “prazeroso e higiênico” ambiente urbano.<sup>44</sup>

Na busca pela consolidação de um espaço público harmonioso, a paisagem urbana adquire novos traços: há a criação de novos prédios públicos, a exemplo do Estádio Municipal (1953), do Ginásio Estadual Noturno (1957), da Escola de Menores (1957) e do Hospital D. Pedro de Alcântara (1957). Foram também construídos, na década de 1950, o Cine Santanópolis (1958) e Lions Clube (1958).<sup>45</sup> A nova arquitetura atribuía ares de modernidade às ruas da cidade. Em crônica dedicada ao poeta feirense Aloisio Resende, o advogado e cronista Hugo Navarro descreveu as mudanças que ocorriam no cenário citadino:

A tua cidade, bisonha e, certamente, com algo de pitoresco e de romântico a época em que viveste, derramou-se, esbateu-se por sobre o planalto com o afã de quem tem um encontro marcado com o progresso. Os palacetes alinham-se como nunca se alinharam. Rasgam-se avenidas, tentáculos gigantesco que parecem pretender abarcar a urbe. Os subúrbios estão irreconhecíveis, transformados.<sup>46</sup>

O novo cenário trouxe consigo novas sociabilidades que não passaram despercebidas nas várias edições do periódico *Folha do Norte*. Anúncios dos bailes realizados pelas filarmônicas da cidade e no Feira *Tênis Clube*, espaço de sociabilidade da elite feirense, frequentado por “famílias honestas e incautas”,<sup>47</sup> as exposições de filmes nos principais cinemas da cidade, os concertos musicais, as exposições de artes plásticas e apresentações de artistas de fama nacional demonstravam que

[...] Feira de Santana já possui um público capaz de sentir e aplaudir a boa arte, uma mentalidade promissora de ambiente fértil, onde grandes artistas encontram certa receptividade, tão rara nas cidades do interior.<sup>48</sup>

43 Eronize Lima Souza. *Prosas da valentia: violência e modernidade na princesa do sertão (1930-1950)*. 2008. 253 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008, p. 28.

44 Cristiana Barbosa de Oliveira Ramos, *Timoneiras do bem na construção da cidade princesa: Mulheres de elite, cidade e cultura (1900-1945)*. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2007, p. 25.

45 Clubes de serviços voltados para causas humanitárias fundado no ano de 1917 em Chicago, EUA. Nas décadas de 1950 e 1960, a expansão internacional intensificou-se, chegando ao Brasil em 1952.

46 *Meu caro Aloisio*, jornal *Folha do Norte* – 13 de janeiro de 1951 – Edição 2.166, p. 4. MSC/CENEF.

47 *Uma suspensão injusta e um protesto justificado*, jornal *Folha do Norte* – 14 de janeiro de 1950 – Edição 2.114, p. 1. MSC/CENEF.

48 *Noite de arte no Feira Tênis Clube*, jornal *Folha do Norte* – 28 de fevereiro de 1953 – Edição 2.277, p. 1. MSC/CENEF.

O crescimento material da cidade e os sinais da modernidade vão aparecendo aos olhos dos cidadãos feirenses. Na década de 1950, a cidade dispunha de um sistema de telecomunicações com os municípios vizinhos, que eram servidos pela Bahia Electric Power Company. Nesse período, existiam duas estações de rádio: a 2YR3 da Rádio Sociedade e a 2YN24 sob o patrocínio da Rádio Cultura de Feira de Santana. Além disso, dois alto falantes, de propriedade dos jornais *Voz do Norte* e *Constelação*, divulgavam notícias, músicas e anúncios diariamente.<sup>49</sup>

O encontro com o progresso proporcionara mudanças comportamentais dos habitantes, influenciados pelos novos estilos de vida encontrados nas nações desenvolvidas, recém saídas da Segunda Guerra Mundial e tecnologicamente mais adiantadas, principalmente nos EUA. No Brasil, a aspiração à ascensão individual tornou-se forte tendência e se traduziu através do crescente hábito consumista. A *Folha do Norte* estimulava o consumo através da veiculação de propagandas de automóveis, eletrodomésticos, eletrônicos, cosméticos e moda.

Nessa conjuntura, cresce a participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviços de consumo coletivo, em escritórios, no comércio ou em serviços públicos. As mulheres também entraram em número crescente na educação superior e adquiriam novos hábitos sociais destacados pelo *hebdomadário*:<sup>50</sup> “as moças bebem *whisk* e fumam cigarro americano”.<sup>51</sup>

Conforme Rosa, “a cidade é um produto histórico-social; nessa dimensão, aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico e desenvolvido por uma série de gerações”.<sup>52</sup> Por conseguinte, convivemos com uma diversidade de pensamentos e atitudes. Feira de Santana não fugiu a regra. Portanto, foi nesse cenário que as feirenses teceram suas histórias, incentivadas a utilizar as novidades da moda e da aparência que ganharam espaço nas páginas do jornal *Folha do Norte*.

## No mundo da moda e da aparência

O *hebdomadário Folha do Norte* trazia para as leitoras e leitores informações sobre as tendências internacionais do mercado da moda através da coluna “No mundo da moda”. O jornal anunciava Londres e Nova Iorque como as cidades que ditavam a moda para o resto do mundo, desfilando em suas páginas as tendências daquilo que compunha uma aparência impecável para a mulher moderna.

No mundo da moda

NOVA YORK - O feminino, o romântico e o nostálgico são as características predominantes das primeiras coleções de outono. Como já dissemos em crônicas anteriores, a silhueta esbelta continua em voga, mas tem-se procurado favorecer a silhueta natural. Para esse

49 Rollie Poppino, *Feira de Santana*. Salvador: Ed. Itapuã, 1968, p. 219.

50 Termo utilizado para se referir a uma publicação semanal.

51 *Meu caro Aloísio*, jornal *Folha do Norte* - 13 de janeiro de 1951 - Edição 2.166, p. 4. MSC/CENEF.

52 Rosa, *As mulheres de Paraiburgo*, p.39

fim, são usados vários recursos como blusas soltas, almofadas, jaquetas e golas em forma de capuz.

Em geral, as blusas começam, nas costas, com o feitiço império, na linha natural da cintura ou nos quadris. Algumas vezes, os complementos aparecem, na frente e nas costas, como no modelo de Cell Chapman, que ela denomina 'estilo camisa'. Para vestidos de 'cocktail' e de noite, Cell enfeita as blusas com contas, outro enfeite muito em voga e que realça o tom nostálgico da estação.

Harvey Berin se concentrou nos vestidos justos, com costas em forma de blusa solta, terminando à altura da cintura ou um pouco abaixo. Para cada estação, esse figurinista faz destacar um novo matiz e, para o próximo outono, tal matiz é o chamado 'Vermelho de Castela', um borgonha rico e intenso. Vários modelos do feitiço acima descrito, assim como no estilo Regência, outra modalidade do feitiço justo, foram apresentados nessa cor.

Nesse romântico estilo Regência, de cintura alta, Herin apresentou um lindo modelo com largo cinto de cetim, um pouco acima da linha normal da cintura. Outro modelo de cintura alta para 'cocktail' também apresenta largo cinto cetim com laço.

Além do vermelho de Castela, a coleção apresenta modelos nos matizes verde Imperatriz, malva, marrom, corça e cinzento claro.

[...]

Berin, do mesmo modo que outros figurinistas reviveu a gola estilo capuz a fim de acentuar o aspecto suave dos vestidos. A linha de gola pode ser alta ou baixa, mas, frequentemente, nos vestidos para 'cocktail', a linha é alta adiante, mas ousadamente baixa nas costas. Os vestidos com casacos compridos ou jaquetas continuam tão em voga quanto no ano passado. As jaquetas contudo são mais curtas e podem terminar a altura da cintura ou bem na linha dos quadris.<sup>53</sup> Nos anos 1950, a moda seguiu diversas tendências e o periódico *Folha do Norte* se apresentava como propagador das novidades imprimindo em suas edições verdadeiros guias de moda. Estilo sensual, estilo bem comportado, sobriedade e elegância, vestidos acinturados com largos cintos, saias justas, blusinhas rendadas ou decotadas, coloridas ou tomara que caia. Essa silhueta extremamente feminina e jovial atravessou toda a década de 1950 e se manteve como base para a maioria das criações desse período.

Para Maria Claudia Bonadio,<sup>54</sup> se a mulher passa a dispor de demasiada quantidade de opções de vestimenta, é necessário pensar que o vestuário é uma fabricação que carrega significações. Essas significações constroem e reconstroem a cada estação, de forma mais ou menos radical, o corpo da mulher. A imagem feminina passa a ser, por conseguinte, uma construção, uma representação do discurso vigente na sociedade, que o costureiro pode quebrar, assimilar ou representar. Juntamente com a linguagem, a educação e a cultura, a moda é uma das marcas e distinções visíveis pelas quais o ser social das elites ganha realidade e indica a posição específica daqueles que dela participam no todo da sociedade.<sup>55</sup>

53 *No mundo da moda*, jornal *Folha do Norte* - 8 de setembro de 1956 - Edição 2.461, p. 3. MSC/CENEF.

54 Bonadio, *Moda: costurando mulher no espaço público*, p. 41.

55 *Ibidem*, p. 58.

Além dos textos sobre as novas tendências da moda, encontramos artigos que traziam a descrição de adereços e a sua importância na composição do traje feminino, como por exemplo, os chapéus,<sup>56</sup> sapatos<sup>57</sup> e óculos, “pois certos modelos emprestam ao rosto das mulheres uma expressão há um tempo interessante e elegante.”<sup>58</sup>

A preocupação em se apresentar em consonância com os modismos é uma constante, ou seja, algumas senhoras e senhoritas de elite da urbe compartilhavam dos mesmos desejos e necessidades de boa apresentação pública, como parte das mulheres dos grandes centros urbanos. Desse modo, percebemos a ansiedade de figurar na lista das “Dez mais elegantes” escolhidas por Eme Portugal, famoso colunista social da cidade:

#### As Dez Mais Elegantes de 1958

Como tive a oportunidade de dizer, é tarefa das mais difíceis selecionar em nossa sociedade, onde são tantas as senhoras que primam pela elegância com que se apresentam, as que mais se destacam a fim de escolher as Dez mais que apresento na minha lista anualmente. Neste ano, de grande movimento social em nosso meio notei que muitas das senhoras do nosso ‘grand mond’ apuravam-se no trajar desejosas de serem integrantes da lista de 1958. Entre tantas como já disse foi-me extremamente difícil selecionar Dez sem causar ressentimentos. Vários fatores determinaram na escolha, entre eles a maneira correta no trajar, a personalidade, a beleza, a graça, a comunicabilidade, a maneira pela qual recepciona os convidados, a evidência, etc.

Aqui descrevo para os nossos leitores o porquê, destas senhoras, terem sido escolhidas para integrarem a lista deste ano.

Sra. Yêda Barradas Carneiro: Dizem que há pessoas que nascem elegantes. Creio ser este o caso desta senhora que pela sua marcante personalidade e elegância sem par obteve a sua classificação.  
Sra. Mirian Fraga Maia: Mais uma vez figura entre as ‘Dez Mais’, continuando a se destacar pelo seu guarda roupa sempre renovado, apresentando com bom gosto e graça as últimas novidades dos melhores figurinistas.

Sra. Julieta Portugal: Representante da sobriedade e distinção da mulher feirense, com qualidades pessoais que a tornam indispensável nesta lista como aconteceu na de 1957.

Sra. Glorinha Caribé: Anfitriã número um do nosso society, é uma personalidade que se destaca por uma simpatia contagiante, figurando pela segunda vez em minha lista.

Sra. Consuelo de Carvalho: Singeleza e distinção caracterizam a sua permanente elegância. Apesar de ser uma das mais novas estreantes em nosso ‘grand mond’ tem se destacado pela sua personalidade.

Sra. Antonieta Moraes: A beleza, as atitudes delicadas, a maneira correta no trajar, lhe asseguraram um lugar nesta lista.

56 *A moda dos chapéus em Londres*, jornal *Folha do Norte* - 1 de setembro de 1951 - Edição 2.199, p. 2. MSC/CENEF.

57 *No mundo da moda*, jornal *Folha do Norte* - 20 de fevereiro de 1954 - Edição 2.328, p. 2. MSC/CENEF.

58 *O encanto dos novos óculos femininos*, jornal *Folha do Norte* - 14 de janeiro de 1950 - Edição 2.214, p. 1. MSC/CENEF.

Sra. Germínia Santos: Repete este ano o êxito de suas apresentações no ano passado. Tem o segredo da beleza e da elegância juntamente com um espírito grandemente liberal.

Sra. Margarida Neves: Inteligência, trabalho e simpatia aliados a uma espontaneidade muito própria, eis um ligeiro perfil desta senhora elegante da nossa sociedade.<sup>59</sup>

O colunista apresentou ao público leitor do jornal *Folha do Norte* as feirenses consideradas mais elegantes do ano de 1958. Além de destacar o bom gosto das “senhorinhas” ao se vestir, realçou as características femininas consideradas ideais como a inteligência, simpatia e delicadeza. Eme Portugal além de escrever sobre os acontecimentos de sociabilidade da classe abastada feirense e lançar costumes, também se comportava como um vigilante do comportamento das senhoras e senhoritas da urbe. O colunista se comportava como o interlocutor entre o mundo da moda e a elite. Com sua escrita singular, engraçada e repleta de estrangeirismos, o colunista, sempre que possível, alertava as feirenses contra possíveis gafes.

Em todas as revoluções, em todos os acontecimentos históricos, foi e será necessário o grito de incentivo de um para então concretizar-se o que se almejava. Em Itororó, por exemplo, não fosse a célebre frase do imortal Caxias: ‘Quem for brasileiro siga-me’, não teríamos vencido aquela batalha, grande passo dado pelo Brasil, na guerra contra o Paraguai.

Como vêem, foi necessário o grito de Caxias para que os soldados o seguissem. Pois bem, relacionando a História com a sociedade, ou mais estritamente, com a elegância, coloco-me no lugar de um trioneiro, de um orientador, embora reconheça o elevado bom gosto das senhoras e senhoritas da nossa sociedade e dou o grito de alerta no que diz respeito a alguns senões na elegância da mulher feirense.<sup>60</sup>

Sair em público descuidando-se da vestimenta investia-se de grande problema para o colunista Eme Portugal. Em crônica onde relatava os acontecimentos da noite de Réveillon ocorrida no Feira Tênis Clube, o colunista tecia elogios aos “brotos” bem vestidos, mas para aquelas que não se preocuparam com o traje de festa ele deixou o seguinte recado: “Não aplaudi na festa, que tenham aparecido algumas senhoritas de saia e blusa. É lamentável, pois este traje é para as manhãs esportivas. Festa de *Réveillon* exige rigorosamente traje Toalete.”<sup>61</sup>

Conforme a leitura dos textos do período, o jornal veiculava a ideia de que a vestimenta feminina distinguia as senhoras honestas das mulheres públicas – prostitutas, lavadeiras e outros segmentos de mulheres pobres que percorriam o cotidiano urbano e, supostamente de acordo com a *Folha do Norte*, agrediam e atentavam

59 Eme Portugal, *As Dez Mais Elegantes de 1958*. Jornal *Folha do Norte* - 11 de outubro de 1958 - Edição 2.570, p. 6. MSC/CENEF.

60 Eme Portugal, *Fugindo a rotina*. Jornal *Folha do Norte* - 29 de março de 1958 - Edição 2.542, p. 6. MSC/CENEF.

61 *Sociedade*, jornal *Folha do Norte* - 11 de janeiro de 1958 - Edição 2.531, p. 6. MSC/CENEF.

contra o pudor das mulheres honestas, cuja formação nessa época era incumbência, principalmente da Igreja Católica, do Asilo Nossa Senhora de Lourdes e da Escola Normal.<sup>62</sup> A ausência de um comportamento próprio para mulheres, marcado pelas características de recato, passividade, delicadeza, facilitava a repressão e a arbitrariedade policial, pois não se enquadrando nesse esquema, fugiam às normas atribuídas ao sexo frágil.

Os modelos dos trajes utilizados pelas mulheres da urbe deveriam ficar em consonância com a moda que geralmente copiada do exterior não observava as características do nosso clima.

Levando-se em consideração o grande desenvolvimento social da Princesa do Sertão, a elegância do sexo feminino está deixando a desejar. Ao que parece houve uma parada, um estacionamento, pois a elegância feminina em nossa terra, constituiu-se, unicamente, em um vestido bonito. Já somos uma cidade que cresce a passos de gigante. Possuímos um comércio luxuoso, clubes aristocráticos dignos de qualquer Capital, cinemas onde a elegância feminina deve preceder a tudo. Não é justo, portanto, que as senhoras e senhoritas saíam as ruas com vestidos 'ligeiros' (principalmente as Dez Mais) desacompanhadas de um complemento indispensável a toda mulher elegante: a bolsa. Não é admissível, dado o nosso grau de civilização, que, pelo menos aos domingos, as senhoras e senhoritas compareçam aos cinemas sem estarem devidamente enluvasadas.<sup>63</sup>

A descrição desse trecho da fonte nos faz perceber que a vestimenta e os adornos utilizados pela mulher feirense eram símbolos de distinção entre grupos sociais. Pierre Bourdieu aborda o aspecto da distinção e atenta para o papel de representação dos símbolos. Baseada nesse autor, a vestimenta é aqui entendida como um elemento simbólico que possui a função de distinção social.<sup>64</sup> Nesse sentido, o vestuário atua nas representações sociais dos indivíduos como instrumento que demarca posições sociais e proporciona as oportunidades de distinção, de obtenção de prestígio e reconhecimento.

A legitimidade da distinção ocorre nos atos de exibição cotidianos, na qual obter o efeito simbólico esperado é obter o reconhecimento dos demais pela personificação da distinção em cada membro do grupo dominante. Conforme Bourdieu, o poder simbólico e a distinção não são alcançados pelas propriedades intrínsecas do símbolo, mas pela autoridade e legitimidade do seu possuidor. O que está em jogo nas lutas pelo poder simbólico é "o poder sobre um uso particular de uma categoria particular de sinais e, deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo natural e social",<sup>65</sup> que acabam por se constituírem na realidade dada.

Estar bem vestida era uma exigência da sociedade que procurava reproduzir no seu cotidiano os valores burgueses. O modo como a jovem se trajava era tão

62 Souza, *Prosas da valentia*, p. 45.

63 Eme Portugal, *Fugindo a rotina*, p. 6.

64 Pierre Bourdieu, *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

65 Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 72.

apreciado como o seu jeito de andar, falar ou conversar. Essa preocupação adentrava o terreno das boas maneiras, dos comportamentos e das condutas civilizadas.

O “ser bela” necessitava de um reconhecimento social. O ideal de beleza supõe uma relação de dominação e Chartier nos diz que:

Longe de afastar do ‘real’ e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem e nos corpos de umas e de outros. Uma tal incorporação da dominação não exclui, entretanto, afastamentos e manipulações. Como prova, de início o ‘efeito beleza’. Para as mulheres, se conformar aos cânones corporais (moveis e variados, inclusive) ditados pelo olhar e pelo desejo dos homens não é somente se curvar a uma submissão alienante, mas também construir um recurso permitindo deslocar ou subverter a relação de dominação. O ‘efeito beleza’ deve ser entendido como uma tática que mobiliza para seus próprios fins, uma representação imposta – aceita mas que se volta contra a ordem que produziu.<sup>66</sup>

Assim como as soteropolitanas de décadas anteriores,<sup>67</sup> as mulheres de elite da cidade de Feira de Santana supervalorizavam as questões referentes à moda incitando a seguinte crítica da Igreja Católica:

Severa advertência da Igreja sobre o despudor das vestes  
[...] com o auxílio dos membros da Ação Católica, marianos e filhas de Maria, sejam avisadas delicadamente à porta dos templos, meninas, moças e senhoras que se dirigirem à Igreja para os atos do culto, ou mesmo fora destes, da proibição de entrarem daquele modo, ou com aqueles trajes proibidos nos templos sagrados.

[...]

São trajes inconvenientes (para a Igreja) no traje das meninas, moças e senhoras:

1° a falta de véu e de meias;

2° as de fazendas transparentes;

3° as demasiadamente curtas, que não desçam um decímetro, do menos, abaixo do joelho;

4° as de decotes profundos;

5° as demasiadamente ajustadas ao corpo;

6° sem mangas, ou com mangas que não desçam alguns centímetros abaixo do cotovelo.

[...]

Con. ALCEBIADES ANDRADE – Secretário do Arcebispado.<sup>68</sup>

66 Roger Chartier, *Dominação entre os sexos e dominação simbólica*. Cadernos Pagu, número 4 (1995), p. 37-47, [https://2aopinioio.milharal.org/files/2013/09/cadpagu\\_1995\\_4\\_4\\_CHARTIER.pdf](https://2aopinioio.milharal.org/files/2013/09/cadpagu_1995_4_4_CHARTIER.pdf), acesso em: 19 de ago. de 2014.

67 Leite, *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador*, p. 148.

68 *Severa advertência da Igreja sobre o despudor das vestes*, jornal *Folha do Norte* – 25 de abril de 1953 – Edição 2.285, p. 1. MSC/CENEF.

Desse modo, de acordo com o Arcebispado, as mulheres deveriam se atentar às vestes utilizadas para frequentarem a Igreja, observando a existência de vestimentas adequadas para o culto, evitando os exibicionismos.

Como os demais discursos sociais, a moda concretiza desejos e necessidades de uma época, restringindo os sujeitos num determinado espaço de significação. Percebemos que para determinados sujeitos pertencentes de um grupo social abastado o bem vestir consistia em demonstrar singularidade e sintonia com as normas vigentes e adequar-se aos novos padrões significava adentrar na lista das mulheres mais importantes da cidade. Entretanto, a Igreja Católica alertava sobre os excessos com o intuito de evitar uma exposição desmesurada.

## Considerações finais

Neste texto, buscamos analisar o discurso sobre moda e aparência veiculado no jornal *Folha do Norte* durante os anos de 1950 e 1959. Buscamos ressaltar que tal periódico tinha a função de normatizador social, apresentando textos que visavam regular os papéis femininos na urbe feirense.

Os documentos dispostos ao longo destas páginas revelam que ao divulgar uma coluna específica com assuntos de moda o periódico aponta para a escolha de um público leitor específico, neste caso, de mulheres que pertenciam às classes abastadas da cidade de Feira de Santana, além de demonstrar que a imprensa local estava afinada com os veículos midiáticos dos grandes centros urbanos. Permitem-nos refletir que para a mulher não bastava apenas possuir determinados trajes, adornos e acessórios que eram considerados tendência: ela deveria se apresentar em público ostentando tal indumentária, pois assim apresentaria a riqueza material familiar e propagaria um ideal de elegância feminina feirense, sendo poderosa característica de distinção social. Por conseguinte, a Igreja Católica estava atenta às extravagâncias experimentadas pelas senhoras e senhoritas feirenses, ratificando seu papel vigilante de condutas sociais do período em questão.

Reconhecemos a divulgação da seção “No mundo da moda”, dos textos e notas sobre assuntos relacionados à aparência, como um dos sintomas do crescimento e desenvolvimento urbano, econômico e social da cidade. Desse modo, acreditamos que a moda, por estar em toda parte, possibilita sobremaneira o entendimento das construções sociais de determinado contexto histórico.